

FIS 31 * RELATÓRIO KICK OFF

DESAFIO

Criar um jogo de RPG em que personagens atuando em empregos verdes enfrentam desafios para realizar uma transição justa rumo à economia de baixo carbono no Brasil





06 **Introdução**

08 FIS

10 FIS Peabiru

12 Desafio

Metodologia

13 Teoria U

14 Trans D

Kick Off

18 Processo de Decisão

20 Sensibilização

21 Dinâmica

Resultados

27 O que aprendemos

27 O que aprendemos sobre as temáticas

30 Insights

Conclusão

33 Próximos Passos

34 Agradecimentos

Introdução

Quem são, afinal, os monstros no combate às mudanças climáticas? Essa foi a pergunta que guiou o kick-off do FIS 31, realizado no dia 17 de setembro, que marcou o início da nossa travessia coletiva.

Neste relatório, buscamos compartilhar como cada etapa do evento se desenrolou, assim como os principais resultados e aprendizados que emergiram ao longo do caminho. Nossa intenção é sistematizar o conhecimento gerado em um encontro que reuniu pessoas de diferentes trajetórias, contextos e olhares, mas são todas unidas, de alguma forma, pela perspectiva de um futuro mais sustentável e justo.

Para que essa sistematização seja compreendida em toda sua profundidade, é necessário, antes, entender o que é o FIS, quem somos nós, “Fisers”, qual o desafio que recebemos e quais metodologias nos guiam nessa jornada.

Esperamos que, ao percorrer estas páginas, você também sinta que embarca conosco nesse percurso. Que as reflexões aqui registradas despertem novos olhares e tragam inspiração para o enfrentamento dos desafios climáticos do nosso tempo.



O que é o FIS?

Nascido em 2010, o FIS (Formação Integrada para Sustentabilidade) surgiu na FGV como uma formação que vai muito além da sala de aula. Hoje lecionada por Fernanda Carreira, Mário Monzoni e Ricardo Barretto, essa disciplina propõe um ensino co-formativo e inovador voltado para a sustentabilidade, fundamentado nos princípios da transdisciplinaridade e na Teoria U, que serão abordados com mais detalhes na seção sobre metodologia desse relatório.

Ao criar esse espaço, o FIS nos convida para uma travessia, em que os participantes mergulham em um processo que integra teoria, prática e reflexão. Essa jornada inclui o desenvolvimento de um Projeto Referência, um desafio real que conecta cada turma ao mundo concreto e se ancora em experiências como diálogos, visitas de campo e um olhar crítico sobre nosso papel no mundo. Com o objetivo de olhar para o interior, a travessia contempla um Projeto de Si, cujo objetivo é fazer com que quem passa por esse processo saia mais consciente de si e de sua relação com o todo.

Dessa forma, o FIS é um espaço de conhecimento e desenvolvimento, interno e externo, que busca formar líderes conscientes e capazes de lidar com a realidade complexa e desafiadora do futuro.

*Da esquerda para direita
e de cima para baixo:*

1. Mario Monzoni
2. Fernanda Carreira
3. Ricardo Barretto
4. Jussara Oliveira



1



2



3



4

Quem é o FIS Peabiru?

A partir de uma reflexão coletiva sobre a natureza do nosso desafio, entendemos que nosso trabalho é focado na construção de um futuro mais justo e sustentável. Reconhecemos que este é um percurso ainda não definido; um avanço em direção a um objetivo cuja forma final não conhecemos. Compreendemos que não existe um caminho único, mas sim uma rede de percursos. São trilhas que se encontram, se cruzam e por vezes se distanciam, refletindo a diversidade de nossas próprias trajetórias. Para representar essa missão, uma jornada coletiva rumo a um lugar melhor, chegamos à conclusão de que nosso nome deveria ser Peabiru. Um termo que, em guarani, traduz o nosso propósito: “o caminho para a terra sem males”. Expressando a importância de estar atento e observar os diversos caminhos que percorremos, e que para encontrar o lugar que buscamos precisamos estar atentos ao processo.

*Da esquerda para direita
e de cima para baixo:*

- | | | |
|------------------------|----------------------|-----------------------|
| 1. Lina Chaim Ussami | 7. Rafaella Butori | 13. Mariana Lamas |
| 2. Guilherme Dias | 8. Rafaela Carderone | 14. Fabrício Leon |
| 3. Gabriela Bertolassi | 9. João Prado | 15. Pedro Paulo Costa |
| 4. Eduardo Wehba | 10. Ana Júlia Durval | 16. Arthur Manoel |
| 5. Renata Bulhões | 11. Flora Campos | 17. Maria Eduarda |
| 6. Luiza Martinoja | 12. Amani Aguida | 18. Pedro Machado |



Desafio

Para o projeto referência mencionado anteriormente, o FIS nos convida a criar um jogo de RPG (role-playing game) em que personagens em empregos verdes enfrentam desafios para realizar uma transição justa rumo a uma economia de baixo carbono no Brasil. Essa travessia exige mergulhar no desafio climático da nossa era, compreender a transição justa, mapear a diversidade de profissões verdes e entender quais competências serão necessárias para essa missão.

Chamamos de transição justa o movimento de mudança rumo a um novo desenho econômico e social mais verde, tecnológico e regenerativo, que busca garantir direitos e inclusão para todos. Os empregos verdes, por sua vez, são ocupações que ajudam a proteger o meio ambiente e a construir uma sociedade mais resiliente e justa. Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), milhões deles surgirão nos próximos anos, mas serão apenas empregos do futuro se forem também decentes, com direitos e inclusão. É esse equilíbrio entre transformação ambiental e justiça social que procuramos traduzir em nosso jogo.

Durante o percurso, ouviremos jovens que já vivem essa realidade, escolhemos um sistema de RPG, elaboramos fichas, mapas e narrativas, traduziremos o jogo para o Inglês e iremos criar uma estratégia para disseminá-lo. Por meio desse produto final, buscamos entender quais capacidades humanas precisamos cultivar para que as juventudes liderem uma transição verdadeiramente justa. Ao imaginar o desafio como um RPG, cada personagem se torna um conjunto de competências para navegar esses dilemas, transformando a sensação de queda em oportunidade.

Metodologia

Teoria U

Teoria U é um modelo de mudança profunda e liderança, desenvolvido por Otto Scharmer (MIT) e colaboradores. O método visa atingir níveis mais profundos de consciência coletiva para gerar soluções inovadoras a desafios complexos. Estruturada na forma de um “U”, a Teoria U descreve um percurso em três fases: descida, fundo do U e subida.

Na fase de descida, os Fisers praticam a escuta sensível e observação sem pré-julgamento, buscando compreender o sistema em sua totalidade e as perspectivas de todos os stakeholders. É momento de imersão no contexto para captar sinais sutis e padrões emergentes. Nesse processo, aconteceram muitas conversas entre o grupo e especialistas das mais diversas áreas do conhecimento sobre os temas do desafio, o que culminou em uma bagagem relevante de conhecimentos novos a respeito da transição justa no Brasil, empregos verdes, RPG e outras áreas.

O ponto central é o fundo do U, em que se atinge um estado de abertura, atenção plena e conexão com o propósito emergente. Nesse estágio, reduz-se a distância entre o observador e o sistema, permitindo que novas percepções e intuições venham à tona e orientem a ação. Essa fase central se dará na macro-imersão, onde acontecerá um maior aprofundamento nos temas em conjunto com uma comunidade local.

Na subida do U, foca-se na materialização das ideias por meio de prototipagem rápida, co-criação e implementação. Prototipar e testar em ciclos curtos permite aprender, ajustar e escalar soluções de forma iterativa. A subida será o momento de compilar conhecimentos e construir propriamente o jogo de RPG, a apresentação e uma experiência lúdica para a discussão do tema

proposto. Os princípios centrais da Teoria U incluem suspender julgamentos para abrir espaço a novas percepções, imergir no contexto para reduzir a separação entre observador e sistema. E com base nisso construíram-se todas as diretrizes para o trabalho em direção ao desafio final.

TransD

Em um contexto em que tanto o material quanto o imaterial são frequentemente enquadrados em classificações rígidas, sustentadas por paradigmas que buscam explicar os fenômenos sociais e estruturais a partir de recortes estreitos, a complexidade da realidade acaba sendo constantemente reduzida. Como contrafluxo a esse modelo fragmentado de produção de conhecimento, surge a necessidade de integrar e conectar múltiplas dimensões e formas de perceber o mundo. É nesse movimento que se inscreve a Transdisciplinaridade: como proposta que atravessa fronteiras disciplinares, articula diferentes saberes e reconhece a pluralidade de perspectivas necessárias para compreender e transformar a realidade em sua totalidade.

No campo formativo, a Transdisciplinaridade não se limita a reunir conteúdos ou áreas distintas, mas propõe uma mudança de paradigma: da fragmentação para a integração. Isso significa reconhecer que a razão formal precisa dialogar com a razão sensível e com a razão experiencial, que o indivíduo não pode ser separado de suas relações e de sua inserção no todo e que não há compreensão legítima da realidade sem considerar simultaneamente ciência, cultura, tradição e prática. Nesse sentido, o exercício transdisciplinar não é apenas uma metodologia, mas uma postura diante do conhecimento e da vida.

Aplicada à sustentabilidade, a TransD assume centralidade, pois os dilemas socioambientais não podem ser reduzidos a fórmulas técnicas ou a indicadores econômicos isolados. Eles exigem uma visão que reconheça a complexidade, valorize os saberes locais e tradicionais, integre múltiplos níveis de realidade

e seja capaz de criar soluções que dialoguem com o diverso e com o incerto. É nesse horizonte que o FIS se orienta ao adotar a Transdisciplinaridade como fundamento metodológico, buscando formar indivíduos conscientes de si e de sua interdependência com os outros e com o ambiente, capazes de atuar de forma criativa e integrada frente aos desafios contemporâneos.

A Transdisciplinaridade está centrada em três axiomas: Complexidade, Níveis de Realidade e Lógica do Terceiro Incluído. Durante a micro-imersão, os Fisers tiveram a oportunidade de vivenciar de maneira aprofundada o seu primeiro pilar: complexidade. Dentro da visão transdisciplinar, a palavra complexo refere-se àquilo que é tecido junto, ou seja, àquilo que é fruto de uma trama. A complexidade é um princípio que desafia a lógica cartesiana de enxergar o mundo e reconhece que a realidade se organiza em redes de relações que são atravessadas por múltiplas dimensões, contradições e transformações contínuas. O pensamento complexo propõe a busca por respostas não lineares, partindo da premissa de que a realidade é um produto de uma trama de tecidos juntos e de que, dessa forma, não basta separar os elementos e analisá-los para que seja possível obter uma compreensão integral do todo. Este axioma possui dez princípios que orientam e representam a base do seu significado:

1. Diversidade: A realidade se manifesta em múltiplas formas, perspectivas e contextos. Pensar o real sob essa lente integrada possibilita enxergar o mundo enquanto uma unidade com diversidades.

2. Parte-todo: Não é possível desassociar o todo da parte. O todo não pode ser compreendido sem as partes, assim como as partes não podem ser entendidas fora do todo, fazendo emergir uma relação circular e integrada.

3. Incerteza: O viver se manifesta para além da lógica do controle. Nada é completo ou definitivo, toda ação gera uma reação cuja previsibilidade é incerta.

4. Sistemas abertos: Sistemas vivos são sistemas abertos. Trocas de energia, informação e matéria acontecem incessantemente com o meio e reconhecer essa abertura é necessário para que haja transformação e adaptação.

5. Contradição: Em sistemas vivos, a contradição é uma condição de existência. Ela é parte constitutiva do real e do processo de conhecimento.

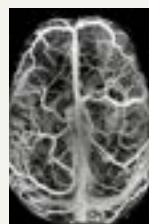
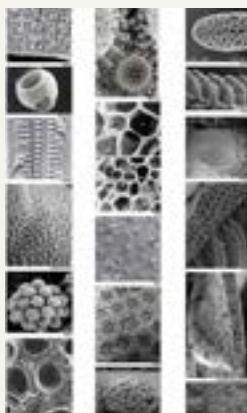
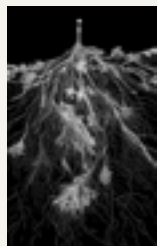
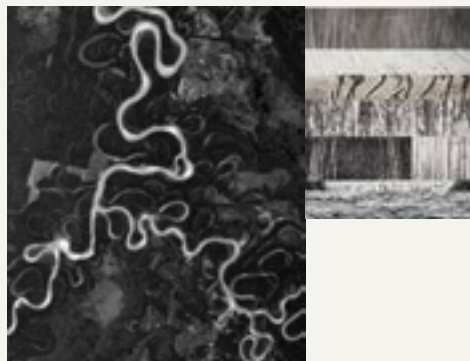
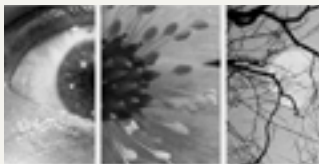
6. Auto-organização: A realidade se manifesta em meio a ciclos de ordem, desordem e reorganização e os sistemas vivos mantêm a si mesmos a partir de suas próprias interações.

7. Recursividade: Em processos vivos, causas e efeitos se misturam e se influenciam mutuamente. Não há uma diferenciação clara entre condições iniciais e resultados, o que resulta em ciclos de geração e reprodução de sistemas.

8. Emergência: A vida é fruto de interações. O novo emerge desse contínuo fluxo de interações.

9. Conectividade: Os princípios da complexidade estão conectados entre si e complementam um ao outro.

10. Não separabilidade: Separar fenômenos é uma ferramenta da didática, entretanto, a realidade só existe em seu emaranhado de complexidade.



Kick Off

Manifesto

Queridos irmãos, escrevemos essa mensagem do futuro para alertá-los. Hoje marca o aniversário de 100 anos do fim do período inicial, como chamamos a época de vocês na atualidade. A ganância extrema do homem teve um preço alto e dizimou tudo aquilo que era conhecido como o mundo e a sociedade. A vida humana e animal foi exterminada na maior parte do planeta, e aqueles de nós que conseguiram sobreviver vivem com a constante escassez de recursos e inseguranças naturais deixadas como fardo. Mas no meio de um deserto sem fim, um oásis se apresenta. “Da terra viemos e para terra voltaremos”. Aqui é dela que tiramos nossos sustento, amamos e vivemos. Sem a intenção de transformar o meio ou o outro, através da espontaneidade uma comunidade se constrói. A essência de cada um se apresenta e é valorizada, sendo o respeito ao próximo e ao planeta a máxima da nossa gente. Clamamos a nossos irmãos do passado: vivam o presente, amem uns aos outros e busquem a si mesmos em meio ao caos. Prezem pelo próximo, pela natureza, pelo futuro. Só assim é possível reverterem o que vai acontecer ao planeta, tornando-nos verdadeiramente felizes.

Processo de Decisões

O processo de decisões para a organização do kick-off aconteceu de forma coletiva e colaborativa. Não houve uma única liderança ou responsável por definir o formato do evento, mas sim um conjunto de encontros e conversas em que as ideias foram surgindo, sendo discutidas e ajustadas em grupo. A cada reunião, diferentes perspectivas eram trazidas e consideradas, até que o desenho final fosse se consolidando. Para nortear o processo, algumas perguntas foram pré-estabelecidas, como: o que queremos aprender, que tipo de convidados queremos receber, dentre outras.

As metodologias do FIS tiveram papel importante nesse percurso. A Teoria U, por exemplo, nos ajudou a adotar uma postura de escuta mais aberta antes de tomar qualquer decisão. Esse movimento inicial, de dar espaço para várias visões, permitiu que o grupo chegasse a escolhas que refletissem tanto o propósito do evento quanto às expectativas dos convidados.

O evento ocorreu em três partes principais: sensibilização, dinâmica e fechamento. A sensibilização foi pensada para gerar impacto logo no início e abrir espaço para a reflexão. A dinâmica, por sua vez, buscou promover a participação ativa de todos e estimular a troca de ideias de forma criativa e colaborativa. Já o fechamento teve como objetivo amarrar os aprendizados e dar um tom simbólico ao encerramento do encontro.

Mais do que um processo linear, as decisões foram fruto de experimentação e adaptação constantes. O que orientou o grupo não foi a autoria de cada ideia, mas sim o quanto ela contribuía para traduzir os objetivos do FIS e tornar o kick-off uma experiência significativa para todos os envolvidos



Sensibilização

O momento da sensibilização ocorreu logo no início do evento, após a chegada dos convidados. Ao entrarem, os participantes foram conduzidos a uma breve interação, em meio a um espaço de dispersão e de café de boas-vindas. Esse tempo inicial foi fundamental para o estabelecimento de vínculos e para criar um ambiente acolhedor.

Na sequência, foi conduzida a cena de sensibilização, estruturada para despertar a curiosidade dos convidados e provocar uma imersão inicial no tema central do encontro. Esse momento buscou instigar os participantes a adotar uma postura de atenção plena, favorecendo a abertura para novas perspectivas e preparando o grupo para vivenciar a experiência do evento de forma mais significativa.

A sensibilização foi dividida em duas partes. A primeira foi uma apresentação em grupo na qual uma roda foi formada por Fisers segurando novelos de lã, enquanto faziam movimentos e sons que remetiam à repetição, à ciclicidade. No meio do centro tínhamos uma Fiser vestida diferente de todos os outros, passando de colega em colega e tomando os novelos de lã para si. Enquanto essa performance acontecia, diversas notícias eram lidas, todas referentes aos temas de nosso desafio, como a crise climática, empregos verdes, descarbonização, entre outros.

Em seguida, a performance acabava e as luzes se apagavam, ligando um holofote para um membro do grupo que leu o manifesto do FIS. A ideia do texto era apresentar uma mensagem fictícia enviada por pessoas do futuro aos “irmãos do passado”, ou seja, aos que vivem no presente. A mensagem alerta sobre as graves consequências da ganância humana e da exploração desenfreada dos recursos naturais. Cem anos após o “período inicial”, como é chamado os dias atuais, o planeta foi profundamente destruído. A ambição extrema teve um preço alto: a vida humana e animal foi quase totalmente exterminada, restando poucos sobreviventes que vivem em meio à escassez de recursos e às inseguranças naturais deixadas como herança de um mundo devastado.

Apesar do cenário sombrio, há um sinal de esperança e a mensagem termina com um apelo profundo aos habitantes do presente. Eles pedem que os cidadãos da atualidade vivam o agora com mais amor, respeito e consciência, e que cuidem uns dos outros, da natureza e do futuro. Somente assim será possível evitar o destino trágico descrito e construir uma felicidade verdadeira e duradoura para as próximas gerações.

Dinâmica

Objetivo

Realizar uma sessão colaborativa para explorar os principais desafios e medos relacionados aos temas de comunicação, juventude, vulnerabilidades e distribuição de recursos, visando identificar obstáculos e oportunidades no contexto de empregos verdes e transição justa.

Os temas foram escolhidos com base em conversas preliminares e discussões entre o grupo e a equipe. Foi identificado, assim, que comunicação, juventude, vulnerabilidades e distribuição de recursos são desafios recorrentes que atravessam as mais diversas áreas de empregos verdes.

Duração total: 50 minutos

1. Abertura e Check-in

O evento iniciou com um momento de quebra-gelo, onde os participantes foram convidados a se apresentar, compartilhando seus nomes, ocupações e o que há de verde em seu trabalho. Essa atividade promoveu a integração do grupo e possibilitou que todos comessem a se envolver de forma mais leve e aberta.

2. Debate em Grupo

Os convidados foram divididos em seis mesas, estrategicamente organizadas através de símbolos na entrada. Cada mesa contou com 6 a 8 participantes, que discutiram as seguintes questões:

- Como imagina o futuro sustentável relacionado ao tema de sua mesa?
- De que modo sua atuação pode contribuir para esse futuro?
- Quais os maiores medos ou obstáculos relacionados ao tema dentro de sua atuação?
- A partir dessas perspectivas, qual seria o principal desafio para alcançar esse futuro desejado?

A estrutura das perguntas guiou os debates, partindo do futuro ideal, passando pelas contribuições individuais, até chegar aos principais obstáculos e desafios coletivos.



3. Representação dos Desafios - Desenho dos Monstros

Ao final do debate, os participantes foram convidados a desenhar um “monstro” que personificasse os principais desafios e medos discutidos para cada um dos quatro direcionadores (Comunicação, Juventude, Vulnerabilidade, Distribuição de Recursos).

Esses monstros representam as dificuldades que os profissionais enfrentam em suas áreas. Essa atividade lúdica estimulou a criatividade e permitiu uma visualização coletiva das questões mais complexas discutidas, promovendo uma reflexão sobre os obstáculos que precisam ser superados para avançar na transição justa.

Considerações finais

A dinâmica promoveu uma troca rica de experiências, medos e perspectivas, além de identificar desafios específicos relacionados às áreas de interesse. Os insights coletados irão subsidiar futuras ações estratégicas, destacando os aspectos que requerem maior atenção e as características essenciais dos futuros protagonistas dessa transformação.

Fechamento

O kick off foi uma oportunidade de aprendermos a partir dos conhecimentos trazidos pelos convidados do evento, tendo uma construção coletiva a partir de diversas perspectivas e visões sobre os temas que atravessam a transição justa e os empregos verdes - Juventude, Comunicação, Vulnerabilidade e Distribuição de Recursos. Tendo como principal objetivo responder a pergunta: “como chegar em um futuro sustentável de forma mais justa?”. Ficou evidente que não há um caminho único, mas sim uma teia de estratégias que precisam ser adaptadas a cada contexto. O kick-off foi o pontapé inicial para a criação do nosso projeto.







Resultados

O que aprendemos como grupo

Desenvolver perguntas não binárias ou condicionadas a uma visão, permitiu que nossos convidados que possuíam backgrounds diversos contribuíssem no nosso kick-off com conhecimentos distintos e até mesmo desconhecidos para nossa vivência. O poder de escuta também foi crucial em todas as rodas de conversas no evento e em outros momentos do FIS, aprender a escutar alguém até o fim, sem interrupções de concordo-discordo, por mais que seja difícil, permite que o interlocutor se aprofunde em seus sentimentos, conhecimentos e raciocínio. Criar um evento com um grande grupo não é fácil. Foi necessário equilíbrio entre os idealizadores e executores do nosso evento, e durante todo o processo foi possível entender um pouco mais do perfil de cada um. Idealizadores são fundamentais para o processo criativo, mas são os executores que fazem as ideias se tornarem reais no dia. Para ter um bom evento é preciso ter comprometimento em exercer sua parte e também saber sobre o todo, saber sobre como cada etapa do evento se complementa. Algo que fica como lição desse kick-off é a necessidade de engajar com o todo do evento para manter a energia lá em cima, e entregar um encerramento perfeito.

O que aprendemos sobre as temáticas

Tema 1: Vulnerabilidades

Ao discutir vulnerabilidades, entendemos que para construir um futuro sustentável atravessando uma transição verde no Brasil é imprescindível reconhecer as desigualdades que estruturam a sociedade e determinar: quem e como - ambos indivíduos e comunidades são afetados pelos impactos ambientais e as substituições de funções sociais que são consequência dessa transição.

Apesar de nossa eficiência diante de emergências, ainda falhamos em agir preventivamente e planejar o longo prazo, reflexo de uma cultura política imediatista e individualista. Nesse sentido, a comunicação - intersetorial, interestadual e inter-

municipal e a cooperação interfederativa surgem como instrumentos políticos imprescindíveis para uma transição justa. São um meio de ampliação da conscientização coletiva dos problemas que os grupos vulneráveis enfrentam. Entretanto, nota-se que é essencial a presença e envolvimento dessas comunidades nas pautas, não somente como locutores, mas também como tomadores de decisão. A escuta ativa dos saberes de comunidades vulneráveis e tradicionais deve ser valorizada e mostra-se indispensável para orientar prioridades e evitar soluções distantes da realidade.

Conseqüentemente, a educação funciona como uma base, para sensibilizar, ampliar a consciência coletiva e integrar a sustentabilidade a diferentes dimensões da vida. O maior desafio está em engajar mais pessoas, fortalecer essas comunidades e criar pontes entre diferentes grupos sociais, estimulando uma mudança política e cultural profunda capaz de transformar “vulnerabilidades” em potência. Reconhecer e valorizar essas diferentes vozes, portanto, é o único meio de construir uma transição que una coesão social, políticas consistentes e pluralidade de modos de vida, tornando possível uma transição verde verdadeiramente justa para todos.

Existem medos que emergem nessa discussão, entre eles, a negligência diante das condições básicas de vida e a possibilidade de que a justiça da transição verde não se concretize. Por fim, fica o ensinamento de que vulnerabilidade não é apenas um conceito de fragilidade, mas um ponto de partida para repensar o nosso modelo de desenvolvimento, onde a Economia seja vista como um meio e não um fim.

Tema 2: Distribuição de Recursos

Ao discutir a distribuição de recursos e seu papel em um futuro sustentável, entendemos que esse debate vai além dos números e envolve diretamente justiça social e desigualdade. Sustentabilidade precisa ser pensada a partir da pergunta “para quem?”, garantindo acesso a bens e serviços essenciais, como sa-

neamento e energia, sobretudo às populações vulneráveis, e concretizando políticas públicas que transformem a realidade local. Os principais desafios apontados pela envolviam repensar padrões de consumo, reduzir excessos e questionar modelos econômicos baseados na exploração infinita, a fim de promover uma mudança de paradigmas e superar o tradicionalismo por meio de uma lógica que coloque a natureza acima da economia. Também é necessário repensar o próprio conceito de “recurso”, entendendo que ele não existe apenas para ser explorado, mas criar uma relação pautada pela responsabilidade coletiva e pelo uso consciente.

Tema 3: Comunicação

Ao discutir o papel da comunicação na construção de um futuro sustentável, entendemos que ela precisa ser clara, acessível e capaz de atingir públicos diversos. A comunicação deve estar ligada à educação desde cedo, formando pessoas com repertório para compreender e se engajar no tema, e precisa ser aberta, plural e inspiradora, chamando à ação em vez de gerar apenas preocupação. É fundamental aproximar as questões ambientais do cotidiano, mostrando seus impactos diretos e incorporando temas como ESG, justiça climática e economia circular ao repertório social desde a escola. Também é importante destacar que as mudanças já estão em curso e que ações individuais têm impacto real, tornando a mensagem positiva e mobilizadora. Entre os maiores desafios estão as fake news, que dificultam o diálogo e minam a confiança do público.

Tema 4: Juventude

Ao discutir o papel da juventude na construção de um futuro sustentável, discutiu-se a força de uma geração que transita e cresce em um período turbulento e de grandes mudanças geracionais. Ao mesmo tempo em que herda as consequências de décadas de descuido ambiental, também carrega a urgência e a respon-

sabilidade de propor e encontrar novos caminhos. A juventude se vê diante de um cenário em que a mudança política, cultural e socioambiental não é apenas desejável, mas urgente. Existe a necessidade de repensar padrões de consumo, transformando o linear em circular, assim como a percepção de que as novas gerações não podem se limitar a discursos e reuniões: é preciso ação concreta, que reverbere em políticas públicas, universidades e empresas.

A educação pode ser a chave para dar visibilidade ao tema, ampliar o acesso à informação e formar uma massa crítica capaz de desafiar estruturas cristalizadas. Do mesmo modo, a juventude precisa ser reconhecida e ouvida de forma crítica, com segurança e espaço real para exercer protagonismo. Porém existe um medo recorrente da negligência, ou seja, o receio de não serem levados a sério por lideranças políticas e empresariais que ainda possuem um olhar ultrapassado para o nosso tempo. Também há um receio de não terem caminhos claros para seguir carreiras sustentáveis. O desafio central, portanto, é romper o engessamento do poder, criando representatividade e mecanismos que permitam que jovens ocupem espaços de decisão e façam parte ativa da construção de um futuro justo e verde.

Insights

Com a participação de convidados diversos no evento, foi possível coletar insights valiosos e úteis para o desenvolvimento do projeto final. Levando em consideração os aspectos da vulnerabilidade, da distribuição de recursos, da comunicação e da juventude, falou-se muito sobre o valor de focalizar o debate da ordem política e econômica internacional, e a necessidade de trazer elementos ao RPG que dialoguem com a posição do Brasil no cenário geopolítico global. Para além disso, também foi levado em consideração o papel do incentivo à educação de jovens sobre os temas discutidos, sendo salientado por diversas vezes como esse aspecto deve refletir a política de estado estrutural, que deve formar jovens não apenas conscientes, mas sensíveis à

concretização de atitudes. Por fim, foram trazidos insights a respeito da importância do setor privado na transformação positiva para a transição justa, destacando que grandes empresas possuem elevada capacidade de implementar medidas e políticas que incentivem a mudança na prática sustentável.

Próximos Passos

Nosso percurso até aqui nos trouxe aprendizados valiosos, mas também revelou pontos em aberto que precisam ser aprofundados para que o RPG se torne um produto robusto, acessível e capaz de engajar diferentes públicos. Entre os principais aspectos que ainda demandam reflexão e aprofundamento, destacamos entender sobre os sistemas de RPG e construção de narrativa. A partir disso, poderemos avançar para a etapa prática de construção do produto final:

1. Definição do sistema de RPG: ainda precisamos decidir qual sistema melhor dialoga com os objetivos do nosso jogo (ex.: Dungeons & Dragons, Vampire, GURPS ou um híbrido adaptado). É necessário equilibrar jogabilidade, acessibilidade para iniciantes nas temáticas a serem abordadas e profundidade narrativa.
2. Construção do mundo narrativo: o universo em que os personagens irão atuar precisa ser detalhado. Qual será a ambientação central? Como incorporar elementos brasileiros, tanto culturais quanto ambientais, para torná-lo reconhecível e próximo da realidade?
3. Formato do jogo (aberto ou fechado): Nossa narrativa será contínua e expansível, permitindo que novos jogadores entrem ao longo da campanha (aberto), ou será um jogo fechado, com duração curta e objetivo definidos desde o início?
4. Integração dos monstros: durante o kick-off, surgiram representações dos medos e desafios como monstros simbólicos. Falta decidir como esses monstros serão incor-

porados à narrativa: serão inimigos clássicos a serem derrotados, obstáculos que só podem ser superados por meio de cooperação ou dilemas que exigem negociação? Quem são, afinal, os verdadeiros “monstros”: indivíduos, estruturas, sistemas ou ideologias?

5. Construção dos personagens: Estamos reunindo insumos de convidados e explorando os seus empregos verdes como inspiração. Ainda precisamos fechar como as fichas de personagem irão traduzir competências humanas, habilidades técnicas e dilemas sociais em atributos jogáveis e quais vão ser os personagens finais.
6. Engajamento da população: Precisamos aprofundar estratégias para que o jogo seja acessível a diferentes perfis, inclusive pessoas que nunca jogaram RPG. Como tornar a linguagem clara, inclusiva e informativa sem perder a ludicidade? Como traduzir conceitos complexos em mecânicas e narrativas envolventes?
7. Equilíbrio entre informação e diversão: Um dos desafios centrais será criar uma experiência que seja ao mesmo tempo formativa e divertida. Falta aprender como transformar dados, conceitos e debates sobre transição justa em mecânicas de jogo atraentes.
8. Nos próximos meses, nossa jornada segue com duas etapas marcantes. Entre os dias 20 e 25 de outubro, acontecerá a macro-imersão, onde teremos a oportunidade de mergulhar em vivências coletivas e ampliar repertórios. Esse momento será essencial para aprofundar nossas reflexões e alimentar a construção do nosso projeto final.
9. No dia 18 de novembro, realizaremos a entrega final, em que apresentaremos o nosso jogo de RPG. Será uma oportunidade para compartilhar os conhecimentos adquiridos no processo, mostrando para aqueles que fizeram parte dessa construção o resultado do trabalho. Mais do que um fechamento, será uma celebração das conexões, descobertas e possibilidades que emergiram ao longo do caminho.

Conclusão

O kick-off do FIS 31, realizado em 17 de setembro, marcou o início de uma jornada coletiva em direção a um futuro mais sustentável e justo. Com base na Teoria U e na Transdisciplinaridade, os participantes foram conduzidos a um mergulho profundo nos dilemas da transição justa e dos empregos verdes, explorando de forma crítica e criativa como transformar desafios em oportunidades.

Os debates promovidos nesse encontro trouxeram insights valiosos que orientarão a criação de um RPG inspirado na realidade brasileira, no qual os jogadores vivenciarão os desafios da transição justa e dos empregos verdes. Nesse universo, enfrentarão “monstros simbólicos”, representando vulnerabilidades sociais, desigualdades na distribuição de recursos, barreiras de comunicação e o protagonismo da juventude em um mundo em constante transformação.

Assim, o evento consolidou aprendizados fundamentais para os próximos passos rumo à entrega do projeto, reforçando o compromisso coletivo com a construção de um futuro sustentável e inclusivo.



Agradecimentos

Agradecemos, de coração, aos convidados cujas perspectivas ampliaram nosso horizonte. Também somos profundamente gratos ao Instituto Orizon Social e ao Instituto Clima e Sociedade, investidores que tornam possível a concretização deste projeto.

Por fim, deixamos um convite especial: juntem-se a nós na apresentação final em 18 de novembro, onde revelaremos o jogo pronto e as transformações que ele inspira – abrindo espaço para novos olhares nessa jornada coletiva em prol de um planeta vivo e equânime.

Trabalho Final FIS 31

Terça-feira, Nov. 18
6PM
9 de Julho 2029,
#804

Trabalho Final
Fundação Getúlio Vargas, 2025

FIS 31
[Formação Integrada para Sustentabilidade]

